

# MACHADO DE ASSIS OS ÓCULOS DE PEDRO ANTÃO

CONTOS COMPLETOS  
VOLUME III · 1871-1875

Introdução, organização e notas  
de Amândio Reis



# Índice

<i>Introdução</i>	
A década de 1870 ou a família dos jornais	9
1. Machado de Assis no <i>Jornal das Famílias</i>	9
2. Princípio, meio, fim	12
3. Critérios de edição: volume III	16

## CONTOS COMPLETOS DE MACHADO DE ASSIS VOLUME III – 1871-1875

Mariana [1871]	21
Aires e Vergueiro	36
Almas Agradecidas	45
A Felicidade	66
O Caminho de Damasco	79
Rui de Leão	109
Quem não quer ser Lobo...	134
Uma Loureira	158
Canseiras em vão	178
Qual dos dois?	194
Uma águia sem asas	242
Quem conta um conto...	255
Tempo de crise	270
Decadência de dois grandes homens	282
Nem uma nem outra	295
Um homem superior	334
A menina dos olhos pardos	348

<i>Histórias da Meia-Noite</i> (1873)	365
<i>Advertência</i>	367
A parasita azul	369
As bodas de Luís Duarte	406
Ernesto de Tal	420
Aurora sem dia	440
O relógio de ouro	457
Ponto de vista	464
Os óculos de Pedro Antão	481
Um dia de Entrudo	497
Muitos anos depois	515
Miloca	533
Valério	552
Quem boa cama faz...	573
Brincar com fogo	594
Antes que cases...	605
A mágoa do infeliz Cosme	628
A última receita	639
Um esqueleto	646
Onze anos depois	661
O Sainete	677
Casa, não casa	685
História de uma fita azul	699

# Um homem superior

## I

Após uma noite de insônia, saiu Clemente Soares da casa em que morava, à rua da Misericórdia, e entrou a caminhar à toa pelas ruas da cidade.

Eram quatro horas da manhã.

Os homens do gás começavam a apagar os lampiões, e as ruas, ainda não bem alumiadas pela aurora que apontava apenas, apresentavam um aspecto lúgubre. Clemente caminhava lento e pensativo. De quando em quando abalroava nele uma quitandeira que se dirigia para as praças do mercado com o cesto ou o tabuleiro à cabeça, acompanhada de um preto que levava outro cesto e a barraca. Clemente parecia despertar dos seus devaneios, mas recaía logo neles até nova interrupção.

À proporção que o céu clareava, abriam-se as portas dos botequins, para fazer concorrência aos vendedores de café ambulantes que desde a meia-noite percorriam a cidade em todos os sentidos. Ao mesmo tempo começavam a passar os trabalhadores dos arsenais atroando as ruas com os seus grossos tamancos. Não poucos entravam nos botequins e aqueciam o estômago.

Os entregadores dos jornais concluía a sua tarefa com aquela precisão de memória que sempre invejei a esses funcionários da imprensa. As tavernas abriam as suas portas e ornavam os portais com as amostras do uso. Daí a pouco era completamente dia; já a cidade começava a levantar-se toda; numerosas pessoas transitavam a rua; as lojas de todo gênero abriam as suas portas... Era dia.

Clemente Soares não deu fé de toda esta gradual mudança; continuou a andar à toa, até que, cansado, foi ter à praia de Santa Luzia, e aí ficou a olhar para o mar.

Em qualquer outra circunstância é muito provável que Clemente Soares admirasse o quadro que se lhe apresentava ante os olhos. Mas naquela ocasião o pobre rapaz olhava para dentro. Tudo à roda dele lhe era indiferente; um grande pensamento o preocupava.

Que pensamento era?

Não era novo; era um pensamento quase tão velho como o mundo, um pensamento que só há de acabar quando acabarem os séculos.

Não era bonito; era um pensamento feio, repelente, terrível, capaz de trazer à mais bela alma a mais completa demência, e fazer de um gênio um idiota.

Não era obscuro; era um pensamento claro, evidente, incontestável, diáfano, um pensamento simples, que dispensava toda e qualquer demonstração.

Clemente Soares não tinha dinheiro.

Só o muito amor que tenho aos leitores me dispensa de fazer aqui a longa dissertação que este assunto está pedindo. Demais, para alguns deles seria inútil a dissertação. A maior parte dos homens há de ter compreendido ao menos uma vez na vida, o que é não ter dinheiro. A moça que vê o namorado distraído, o amigo que vê o amigo passar por ele sem lhe tirar o chapéu, antes de fazer qualquer juízo temerário, deve perguntar consigo: estará ele sem dinheiro?

Clemente Soares pois estava nessa precária situação. Não tinha dinheiro, nem esperanças de o ter, posto fosse um rapaz engenhoso e cheio de recursos.

Não era contudo tão grande a falta que não pudesse almoçar. Introduzindo na algibeira do colete o indicador e o polegar, como quem tira uma pitada, arrancou de lá dois cartões da barca Ferry; e era quanto bastava para um almoço no Carceller.

Desceu pela rua da Misericórdia, entrou em casa para pesquisar as gavetas a ver se encontrava um charuto esquecido; teve a fortuna de encontrar dois cigarros, e foi almoçar. Duas horas depois estava em casa almoçado e fumado. Tirou de uma velha estante um volume de Balzac e dispôs-se a esperar o jantar.

E donde viria o jantar?

O jantar não preocupava muito a Clemente Soares. Costumava obter esse elemento da vida na casa comercial de um amigo, aonde não ia almoçar, a fim de não parecer que não tinha com quê. Não se diria o mesmo do jantar porque o dito amigo lhe dissera uma vez que lhe faria grande obséquio em ir lá jantar todos os dias. Do almoço não disse o mesmo; por isso Clemente Soares não se atrevia a lá ir.

Clemente era orgulhoso.

E não são incompatíveis a necessidade e o orgulho! O desditoso mortal a quem a natureza e a fortuna deram estes dois flagelos, pode dizer que é a mais triste de todas as criaturas.

## II

A casa de Clemente Soares não tinha o aspecto miserável que a algibeira do rapaz fazia crer. Via-se que era casa onde já houvera alguma coisa, embora pouca. Era casa de rapaz solteiro, adornada com certo gosto, no tempo em que o dono gozava de sofrível ordenado.

Alguma coisa lhe faltava, mas não era do necessário; senão do supérfluo. Clemente vendera apenas, alguns livros, dois ou três vasos, uma estatueta, uma charuteira e poucas coisas mais que não faziam grande falta. E quem o visse ali, estendido no sofá, metido em um chambre, lendo um volume encadernado em Paris, dissera que o bom rapaz era um estudante rico, que havia falhado a aula e enchia com alguma distração as horas até receber uma carta da namorada.

Namorada! Havia efetivamente na vida de Clemente Soares uma namorada, mas já pertencia aos exercícios findos. Era uma menina galante como uma das Graças, mas que na opinião de Clemente ficou tão feia como uma das Fúrias, desde que soube que o pai apenas teria umas cinco apólices.

Clemente Soares não tinha coração tão mesquinho que se deixasse vencer por cinco apólices. Demais, não a namorava muito disposto ao casamento; foi uma espécie de aposta com outros rapazes. Trocou algumas cartinhas com a moça e precipitou o desenlace da comédia fazendo uma retirada airosa.

Carlotinha não era felizmente moça de grandes enlevos. Deu dois murros no ar quando adquiriu certeza da retirada do rapaz, e travou namoro com outro que lhe andava a rondar a porta.

Fora esse o único amor, ou coisa que o valha, do nosso Clemente, que daí em diante não procurou outras aventuras.

E como o faria agora, que se achava desempregado, sem vintém, cheio de ambições, vazio de meios?

Nem pensava nisso.

Era perto das três horas da tarde, quando recebeu um bilheteinho do amigo em cuja casa costumava jantar.

Dizia assim:

«Clemente. Não deixes de vir hoje. Temos um negócio. Teu *Castrioto*.»

A recomendação era inútil; Clemente não deixaria de lá ir, mas a segunda parte do bilhete era rutilante de promessas.

Daí a pouco estava em casa de Castrioto, honrado negociante de fazendas, que o recebeu com duas ou três graças de boa intimidade e o levou para o fundo da loja onde lhe propôs um emprego.

— O Medeiros — disse ele — está sem guarda-livros. Quer você ir para lá?...

Isto era um raio de sol que alumiava a alma do mísero Clemente; todavia, como na gratidão entra sempre um tanto de diplomacia, recebeu Clemente a notícia e a oferta com ar de calculada indiferença.

— Não duvido ir — disse ele —, mas...

— Mas o quê?

— Você bem sabe que eu já estive em casas que...

— Já sei — interrompeu Castrioto —, fala do ordenado.

— Justo.

— Três contos e seiscentos, serve?

Clemente estremeceu dentro de si; mas achou conveniente fazer uma pergunta:

— Com comida?

— E casa, se quiser — respondeu Castrioto.

— Serve. Obrigado.

E dizendo isto, apertou Clemente Soares as mãos do amigo, desta vez com todas as mostras de entusiasmo, o que alegrou muito a Castrioto que o estimava deveras.

— Eu já tinha alguma coisa em vista — disse Clemente depois de alguns instantes —; mas era precário e inferior ao que você me oferece.

— Pois vá lá amanhã — disse Castrioto —; ou melhor iremos logo depois do jantar.

Assim se fez.

Logo depois do jantar conduziu Castrioto o amigo à casa do Medeiros, que recebeu com extremo prazer o novo guarda-livros. E no dia seguinte entrou Clemente Soares no exercício das suas novas funções.

### III

Em dois simples capítulos vimos um rapaz desarranjado e arranjado, pescando um cartão de barca no bolso do colete e ganhando três contos e seiscentos mil-réis por ano.

Não se pode andar mais depressa.

Mas por que fui eu tão longe, quando podia apresentar Clemente Soares já empregado, poupando à piedade dos leitores o espetáculo de um rapaz sem almoço certo?

Fi-lo para que o leitor, depois de presenciar as finezas do negociante Castrioto, se admirasse, como lhe vai acontecer, de que Clemente Soares ao cabo de dois meses esquecesse de tirar o chapéu ao ex-anfitrião.

Porquê?

Pela razão simples de que o excelente Castrioto teve a infelicidade de falir, e alguns amigos começaram a desconfiar de que falira fraudulentamente.

Castrioto ficou assaz magoado quando lhe aconteceu esta aventura; mas era homem filósofo e tinha quarenta anos feitos, idade em que só um homem de singular simplicidade pode ter ilusões a respeito da gratidão humana.

Clemente Soares tinha o seu emprego e o desempenhava com extrema solícitude. Alcançou não ter hora certa para entrar no escritório, e com esta, outras mais facilidades que lhe deu o dono da casa.

Já nesse tempo não havia aquele rigor antigo, que não permitia aos empregados de uma casa comercial certos usos da vida gamenha. Usava pois o nosso Clemente Soares tudo quanto a moda prescrevia. No fim de um ano, Medeiros elevou-lhe o ordenado a quatro contos e seiscentos mil-réis, com a esperança de interesse na casa.

Clemente Soares ganhou depressa a estima do dono da casa. Era solícito, zeloso, e sabia levar os homens. Dotado de inteligência aguda, e instruído, resolvia todas as dúvidas que estavam acima do entendimento de Medeiros.

Não tardou pois que fosse considerado pessoa necessária no estabelecimento, verdadeiro alvo de seus esforços.

Ao mesmo tempo tratou de se descartar de certos conhecimentos do tempo em que tinha o almoço casual e a ceia incerta. Clemente Soares professava o princípio de que a um pobre não se tira chapéu em nenhuma hipótese, salvo se se encontram num beco deserto, e ainda assim sem grandes mostras de intimidade, a fim de não dar confiança.

Desejoso de subir, não faltou Clemente Soares ao primeiro convite que lhe fez Medeiros para um jantar que dava em casa a um diplomata estrangeiro. O diplomata simpatizou com o guarda-livros, que daí a oito dias lhe fez uma visita.

Com estas e outras traças foi o nosso Clemente penetrando na sociedade que convinha ao seu gosto, e não tardou que lhe chovessem em casa os convites de bailes e jantares. Cumpre dizer que já nesse tempo o guarda-livros tinha um interesse na casa de Medeiros, que o apresentava orgulhosamente como seu sócio.

Nesta situação só lhe faltava uma noiva elegante e rica.

Não lhe faltava onde escolher; mas não era isso tão fácil como o resto. As noivas ou eram ricas demais ou pobres demais para ele. Mas Clemente confiava na sua estrela, e esperava.

Saber esperar é tudo.

Uma tarde, passando pela rua da Quitanda, viu apear-se de um carro um velho e pouco depois uma linda rapariga, que ele conheceu imediatamente.

Era Carlotinha.

A moça trajava como quem possuía, e o velho tinha um ar que cheirava a riqueza a cem léguas de distância.

Era marido? padrinho? tio? protetor?

Clemente Soares não pôde resolver este ponto. O que lhe pareceu foi que o velho era homem de serra-acima.

Tudo isto pensou ele enquanto tinha os olhos cravados em Carlotinha, que estava esplêndida de beleza.

Entrou o par numa loja conhecida de Clemente, que também lá entrou para ver se a moça o reconhecia.

Carlota reconheceu o antigo namorado, mas nenhuma fibra do rosto se lhe contraiu; comprou o que ia buscar, e entrou com o velho no carro.

Clemente ainda teve ideia de chamar um tílburí, mas desistiu da ideia, e seguiu direção oposta.

Durante toda a noite pensou na gentil menina que ele havia deixado em outro tempo. Entrou a perguntar a si mesmo se aquele velho seria marido dela, e se ela havia enriquecido com o casamento. Ou seria um padrinho rico, que resolvera deixá-la por herdeira de tudo? Todas estas ideias galoparam na cabeça de Clemente Soares, até que o sono se apoderou dele.

De manhã tudo estava esquecido.

#### IV

Dois dias depois, quem lhe havia de aparecer no escritório?

O velho.

Clemente Soares apressou-se a servi-lo com toda a solicitude e zelo. Era um fazendeiro freguês da casa de Medeiros e morador de serra-acima. Chamava-se o comendador Brito. Tinha sessenta anos e uma dor reumática na perna esquerda. Possuía grandes cabedais e excelente reputação.

Clemente Soares captou as boas graças do comendador Brito nas poucas vezes que ele lá foi. Fez-lhe mil obséquios de pequena monta, cercou-o de todas as atenções, fascinou-o com discursos, a ponto que o comendador mais de uma vez lhe teceu grandes elogios em conversa com Medeiros.

— É um excelente moço — respondia Medeiros —, muito discreto, inteligente, serviçal; é uma pérola...

— Tenho notado isso mesmo — dizia o comendador. — Nas condições dele ainda não achei pessoa que mereça tanto.

Aconteceu um dia deixar o comendador em cima da escrivaninha de Clemente Soares a boceta do rapé, que era de ouro.

Clemente viu a boceta apenas o comendador voltou as costas, mas não quis incomodá-lo, e deixou-o ir adiante. Na véspera acontecera o mesmo com o lenço, e Clemente teve o cuidado de lho ir levar à escada. O comendador Brito era tido e havido por um dos homens mais esquecidos do seu tempo. Ele mesmo dizia que não esquecia o nariz na cama por tê-lo pregado na cara.

À hora do jantar, disse Clemente Soares ao patrão:

— O comendador esqueceu cá a boceta.

— Sim? É preciso mandá-la. Ó José!...

— Mandar uma boceta de ouro por um preto, não me parece seguro — objetou Clemente Soares.

— Mas o José é fidelíssimo...

— Quem sabe? a ocasião faz o ladrão.

— Não creia nisso — respondeu Medeiros sorrindo —; vou mandá-la já.

— Além disso, o comendador é um homem respeitável; não será bonito mandar assim a boceta por um preto...

— Vai um caixeiro.

— Não, senhor, vou eu mesmo...

— Pois quer?...

— Que tem isso? — retorquiu Clemente Soares rindo —; não é coisa do outro mundo...

— Pois faça o que lhe parecer. Nesse caso leve-lhe também aqueles papéis.

Clemente Soares informado da casa do comendador, meteu-se num tálburi e mandou tocar para lá.

O comendador Brito vinha passar alguns meses na Corte; tinha alugado uma bela casa, e deu à mulher (porque Carlotinha era sua mulher) a direção no arranjo e escolha dos móveis, no que ela se houve com extrema perícia.

Não nascera aquela moça entre brocados nem fora educada entre as paredes de casa rica; tinha porém um instinto do belo e um grande dom de observação, mediante o que conseguira habituar-se facilmente ao mundo novo em que entrara.

Eram seis horas da tarde quando Clemente Soares chegou à casa do comendador, onde foi recebido com todos os sinais de simpatia.

— Aposto que o Medeiros lhe deu todo este incômodo — disse o comendador Brito — para me mandar uns papéis...

— Trago, com efeito, esses papéis — respondeu Clemente —, mas não é esse o principal objeto da minha visita. Trago-lhe a caixa de rapé, que V. Exa. esqueceu lá.

E dizendo isto tirou do bolso o aludido objeto, que o comendador recebeu com alvoroço e reconhecimento.

— Eu havia de jurar que tinha deixado na casa de João Pedro da Veiga, onde fui comprar uns bilhetes para serra-acima. Agradeço-lhe muito a sua fineza; mas por que veio pessoalmente? por que tomou este incômodo?

— Quando fosse incômodo — respondeu Clemente —, e está longe disso, ficaria bem pago com a honra de ser recebido por V. Exa.

O comendador gostava de ouvir finezas como todos os mortais que vivem debaixo do sol. E Clemente Soares sabia-as dizer de modo especial. De maneira que já essa noite passou-a Clemente em casa do comendador, de onde saiu depois de prometer que voltaria lá mais vezes.

Trouxe boas impressões do comendador; não assim de Carlotinha que parecia extremamente severa com ele. Debalde o rapaz a cercava de atenções e respeitos, afetando não a ter conhecido, quando aliás podia alegar um beijo que lhe dera uma vez, a furto, entre duas janelas, no tempo do namoro...

Mas não era Clemente Soares homem que envergonhasse ninguém, muito menos uma moça que ainda podia fazê-lo feliz. Por isso não saiu dos limites do respeito, convencido de que a pertinácia vence tudo.

## V

E venceu.

Ao cabo de um mês já a esposa do comendador não se mostrava arisca e o tratava com vivos sinais de estima. Clemente supôs que estava perdoado. Redobrou de atenções, tornou-se um verdadeiro escudeiro da moça. O comendador morria por ele. Era o ai-jesus da casa.

Carlotinha estava mais bela do que nunca; antigamente não podia realçar as graças pessoais com os inventos da indústria elegante; mas agora, que lhe sobravam meios, a boa moça tratava quase exclusivamente de pôr em relevo o seu airoso porte, tez morena, olhos negros, testa elevada, boca de Vênus, mãos de fada, e o mais que a imaginativa dos namorados e dos poetas costuma dizer em casos tais.

Estaria Clemente apaixonado por ela?

Não.

Clemente antevia que os dias do comendador não eram longos, e se havia de ir tentar alguma empresa, mais duvidosa e arriscada, não era melhor, continuar aquela já começada alguns anos antes?

Ignorava ele por que concurso de circunstâncias Carlotinha tinha escolhido aquele marido cujo único mérito, para ele, era ter uma grande riqueza. Mas concluía de si para si que ela seria essencialmente vaidosa, e para captar-lhe as boas graças, fez e disse tudo o que pode seduzir a vaidade de uma mulher.

Um dia ousou fazer uma alusão ao passado.

— Lembra-se — disse ele — da rua das Mangueiras?

Carlotinha franziu a testa e saiu da sala.

Clemente ficou fulminado; meia hora depois estava reposto na sua habitual indolência e mais disposto que nunca a perscrutar o coração da moça.

Julgou porém que era prudente deixar passar algum tempo e procurar outros meios.

Passeava uma tarde, com ela no jardim, enquanto o comendador discutia com Medeiros debaixo de uma mangueira sobre alguns assuntos de comércio.

— Que me disse outro dia o senhor a respeito da rua das Mangueiras? — perguntou repentinamente Carlotinha.

Clemente estremeceu.

Houve um silêncio.

— Não falemos nisso — disse ele sacudindo a cabeça. — Deixemos o passado que morreu.

Não respondeu a moça e os dois continuaram a passear silenciosamente até que se acharam assaz distantes do comendador.

Clemente rompeu o silêncio:

— Por que me esqueceu tão depressa? — disse ele.

Carlotinha levantou a cabeça com um movimento de surpresa; depois sorriu-se com ironia e disse:

— Por que o esqueci?

— Sim.

— Não foi o senhor quem me esqueceu?

— Oh! não! Eu recuei diante de uma impossibilidade. Era infeliz nesse tempo; não tinha os meios necessários para desposá-la; e preferi o desespero... Sim, o desespero! Nunca a senhora há de ter ideia do que sofri nos primeiros meses da nossa separação. Sabe Deus que lágrimas de sangue chorei no silêncio... Mas era necessário. E bem vê que foi obra do destino, porque a senhora é hoje feliz.

A moça deixou-se cair em um banco.